



## Piano na Pandemia: Relato de um curso on-line para crianças

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: PERFORMANCE

*Nan Qi*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – [nan.qi@ufrn.br](mailto:nan.qi@ufrn.br)

*Bruna dos Santos Miranda*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – [brunamiranda266@gmail.com](mailto:brunamiranda266@gmail.com)

*Mariana Lima de Souza*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – [marianalsouza@hotmail.com](mailto:marianalsouza@hotmail.com)

*Durval Cesetti*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – [durval.cesetti@ufrn.br](mailto:durval.cesetti@ufrn.br)

**Resumo.** Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre o ensino de piano on-line, baseada em um curso de extensão oferecido para 20 crianças de 7 a 13 anos, com 4 professores, durante um período de 3 meses. Utilizando a metodologia de pesquisa-ação, o trabalho descreve como o curso utilizou uma plataforma on-line para armazenamento de videoaulas e outros materiais assíncronos, combinada com a realização de aulas síncronas semanais. O texto descreve os desafios encontrados durante o curso, assim como reflexões, estratégias e ferramentas desenvolvidas para auxiliar o processo de aprendizagem.

**Palavras-chave.** Curso de piano. Educação musical. Ensino a distância. Pandemia.

**Title.** Piano during the Pandemic: An account of an online course for children

**Abstract.** This paper presents a research about online piano teaching, based on an extension course offered to 20 children from 7 to 13 years old, with 4 teachers, during a period of 3 months. Using the action-research methodology, the paper describes how the course used an online platform for storing video lessons and other asynchronous materials, combined with weekly synchronous lessons. The text describes the challenges encountered during the course, as well as reflections, strategies and tools developed to assist the learning process.

**Keywords.** Piano course. Music education. Distance learning. Pandemic.

### 1. Introdução

Mudanças pedagógicas geralmente acontecem de forma lenta e gradual, exceto quando são forçadas por fatores externos que tornam inevitável a mudança do *status quo*, como ocorreu com a educação musical com a chegada da pandemia de Covid-19 em 2020, forçando que aulas de instrumentos musicais, para ser continuadas, passassem a ocorrer de forma digital. Apesar da qualidade sonora não ser totalmente fiel, algo que também depende da conexão de internet de cada usuário, diversos autores acreditam que a tecnologia atual permite que o ensino de piano de forma síncrona on-line ocorra de forma tão eficiente e com

benefícios similares aos obtidos em aulas presenciais (PIKE, 2017; PIKE, 2019; COMEAU, LU e SWIRP, 2019; DAWN e LENNOX, 2021). Como Comeau, Lu e Swirp observam, aprender on-line “não atrasa o progresso dos alunos (...) [e,] na maioria dos aspectos, o ensino a distância e presencial” propiciam resultados “surpreendentemente similares” (COMEAU, LU e SWIRP, 2019, p. 49). Já outros autores reconhecem que, apesar de ser possível que o ensino de um instrumento musical a distância obtenha bons resultados, isso depende sobretudo da adaptação dos professores e da implementação de novas estratégias e, mesmo assim, não é garantido que os resultados sejam os mesmos que os obtidos em um contexto presencial (DAUGVILAITE, 2021; SCHIAVIO, BIASUTTI e PHILIPPE, 2020).

Este debate sobre ensino presencial versus ensino remoto, apesar de interessante, tornou-se de certa forma desnecessário durante a pandemia de Covid-19, pois o ensino on-line, em formato síncrono e assíncrono, tornou-se o único método possível de ensino e aprendizagem que não criasse perigo de contaminação entre alunos e professores e, portanto, passou a ser uma necessidade. Desta forma, no início de 2021, os autores deste artigo criaram um curso de extensão de piano a distância em sua universidade, voltado a crianças entre 7 e 13 anos, utilizando uma plataforma *Moodle*, por meio da qual os alunos acessavam videoaulas, partituras e materiais didáticos sobre teoria e percepção musical, e, ao mesmo tempo, faziam aulas individuais, síncronas e semanais.<sup>1</sup>

Jamais tendo realizado um curso de piano a distância no passado, decidimos utilizar esta experiência para realizar uma pesquisa sobre a pedagogia do piano neste formato, para melhor entender quais estratégias podem auxiliar o processo de aprendizado, quais são os desafios encontrados ao longo do caminho e como podemos superá-los. Também quisemos documentar os benefícios do ensino a distância, que permite que atinjamos alunos mais distantes ou de outras localidades e que possibilita criar um banco de vídeos e atividades interativas, que, após serem colocados na plataforma *Moodle*, poderão ser usados em caráter contínuo e duradouro, mesmo após o final da pandemia.

Duas autoras deste artigo são alunas de Licenciatura em Música e uma autora é a professora universitária encarregada do curso de extensão. Desta forma, o caráter indissociável das ações de ensino, pesquisa e extensão da universidade foi bem perceptível durante todo o processo; o curso de extensão serviu como laboratório de pedagogia de piano para as alunas e, ao mesmo tempo, forneceu dados para a pesquisa sobre este tema.

## 2. Metodologia

Como metodologia, utilizamos a pesquisa-ação, por tratar-se de uma atividade pedagógica na qual interagiríamos e procuraríamos constantes melhorias, que surgem como consequência de um processo contínuo de observação, interação e reflexão. Em pesquisas sobre atividades pedagógicas, é importante observar a advertência que pesquisadores que não participam das práticas, mas apenas observam, tendem a “capta[r] o supérfluo e generalizam-no. As conclusões de muitos estudos refletem a origem dos pesquisadores, raramente a realidade dos investigados” (PACHECO, 2008, p. 23). Para evitar esta dicotomia professor-pesquisador, ou entre o saber prático versus o saber científico, a pesquisa-ação coaduna-se perfeitamente tanto com os objetivos desta pesquisa como com sua própria razão de ser. Com seu caráter coletivo e cíclico, seu planejamento enseja a melhoria da prática, a qual, por sua vez, gera observações e *insights* que podem ser avaliados e utilizados, resultando em melhores saberes a serem aplicados na prática, gerando, dessa forma, um ciclo virtuoso de novas observações e reflexões (TRIPP, 2005).

A troca de experiências entre os pesquisadores e os alunos dos cursos é essencial para o caráter colaborativo da pesquisa-ação, atitude que enfatiza a importância de todos como agentes essenciais para o desenvolvimento da pesquisa e para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, o caráter da pesquisa-ação é pró-ativo, permitindo mudanças em ações no decorrer do processo, pesquisando-se assim as consequências destas mudanças, e também pressupondo uma documentação e observação rigorosa das diversas atividades pedagógicas realizadas, com o intuito de encontrar temas e ações guiadores que possam ser melhor utilizados e disseminados no futuro. Durante a pesquisa, portanto, os pesquisadores focaram em diferentes aspectos do processo de ensino-aprendizagem, analisando possíveis mudanças e melhorias, observando o efeito das mesmas nos alunos e recebendo o *feedback* deles, ajustando suas ações em caráter contínuo e avaliando seus efeitos.

### **3. Descrição do projeto**

O curso de extensão atendeu a um total de 20 alunos, com idades entre 7 e 13 anos, e teve duração de 12 semanas, entre 29 de março e 18 de junho. Como três dos pesquisadores/professores são fluentes em inglês, um diferencial do curso foi que os alunos

que desejassem podiam fazer suas aulas em inglês, desta forma praticando duas habilidades simultaneamente: a musical e a linguística.

No momento de inscrição para o projeto, enfatizamos na descrição do curso que “acreditamos na importância do envolvimento dos pais ou responsáveis no aprendizado. É importante que um pai esteja disponível e seja responsável por organizar o horário de aula e de estudo da criança, assim como acompanhar as aulas e assistir os vídeos com os alunos.” Especialmente para o ambiente virtual, acreditamos ser essencial a participação de um pai ou responsável, para garantir que os alunos estejam conseguindo acessar os materiais assíncronos e também para acompanhar as aulas síncronas, tanto para ajudá-los a resolver quaisquer problemas tecnológicos que surjam como, fundamentalmente, para poderem compreender os conceitos pianísticos das aulas e ajudar os alunos durante seus estudos diários.

No anúncio do projeto, também descrevemos alguns aspectos de nossa filosofia de ensino, como o valor social e humanístico da aprendizagem musical e a importância de se aprender o instrumento de forma integrada, conectando o aprendizado teórico ao prático, sem ignorar métodos informais de aprendizado, como a habilidade de “tocar de ouvido”. Além disso, enfatizamos que tratava-se de um curso “intensivo mas divertido”, voltado para alunos “prontos para se dedicarem com afinco” para o aprendizado; já antecipando as dificuldades de aulas a distância, esta dedicação dos alunos (e de seus pais) era essencial para o sucesso do aprendizado. Compreendendo a importância de se valorizar tanto o saber local como o multiculturalismo como um dos nossos princípios guias, selecionamos tanto obras de compositores locais e nordestinos assim como obras do folclore internacional para integrar o repertório do curso, sendo que também fizemos arranjos específicos de algumas obras para que alunos iniciantes pudessem ser capazes de tocá-las.

A maioria dos alunos era formada por iniciantes ou alunos com pouco estudo prévio de piano. Cada aluno teve 12 aulas síncronas e progressivas, com novos conteúdos a cada aula. A Plataforma *Moodle*, dividida em 3 unidades, foi alimentada a partir do início de março com conteúdos específicos, que foram sendo acrescentados ao longo do curso; ao mesmo tempo, procuramos perceber se todos os alunos estavam sendo bem servidos pelo material na plataforma, procurando adaptá-los para alunos que tivessem outro nível ou outras necessidades. A plataforma tem os seguintes conteúdos:

- 1) Seção introdutória de boas-vindas, com um texto de apresentação do curso, outro de apresentação dos professores e uma seção intitulada “Um pouco de música”, com links para vídeos selecionados do YouTube.

2) Unidades 1, 2 e 3, com as subseções: Aulas em Vídeo; Vídeos para Estudo; Vídeos Extras; Partituras; Uma Breve História do Piano; Material Didático (Teoria Musical); Questionários de Teoria Musical; Praticando a Percepção Musical.

3) Encerramento: Partituras Extras (Desafio); Vídeos e Partituras de Chorinho.

Utilizamos estas partituras extras para alguns alunos mais avançados, que foram capazes de concluir o repertório das unidades rapidamente. Além disso, cada professor teve autonomia de escolher outras peças, de acordo com as preferências de seus alunos; portanto, este material serviu como um guia geral para o curso, porém havia autonomia e ajustes individuais.

A maioria das aulas síncronas foram realizadas por meio do aplicativo *Google Meet*; com alguns alunos, foram feitas ligações de vídeo por meio do *WhatsApp*. Cada aula síncrona tinha duração de aproximadamente 30 a 40 minutos.

Realizamos também 3 encontros síncronos com todos os alunos e professores, os quais denominamos de “festinhas”, ao final de abril, maio e junho. Em cada festinha, tínhamos a apresentação de todos os alunos, com ao menos uma peça por aluno. Para a última festinha, também apresentamos um vídeo coletivo com a peça *Asa Branca*, de Luís Gonzaga, que editamos com 13 alunos, 2 sanfonas e percussão.

#### **4. Observações e relatos da experiência**

Apesar do curso ter tido apenas 3 meses de duração para os alunos, o processo de preparação que precedeu o início das aulas foi de extrema importância. Os professores reuniram-se virtualmente diversas vezes durante dois meses antes do início do curso, para planejar as aulas, escrever o roteiro das videoaulas e organizar todo o conteúdo a ser apresentado, assim como discutir a respeito dos métodos didáticos a serem utilizados durante as aulas síncronas. Desta forma, pudemos corroborar a importância de um treinamento para que professores saibam ensinar on-line, algo que permite então que “os alunos aprendam bem, progridam e estejam motivados para continuar seus estudos” (PIKE, 2020, p. 4). Estar em uma equipe fazendo encontros semanais para este processo preparatório foi uma experiência enriquecedora e valiosa, tendo sido continuada durante o curso para analisarmos o progresso e o *feedback* dos alunos.

Antes de começarmos o curso, uma de nossas maiores preocupações era com a qualidade da internet. Porém, ao final do curso, percebemos que isso era na realidade um

problema não muito importante; de fato, outros fatores técnicos tiveram uma relevância maior na qualidade do aprendizado, como a qualidade do aparelho utilizado por cada um (geralmente um celular) e a posição do aparelho em relação ao aluno – pois a maioria não tinha um tripé, sendo que a visão dos dedos geralmente significava que não conseguíamos ver a postura, e vice-versa. Os poucos alunos que tinham condições de evitar este problema tiveram uma experiência mais efetiva, como aqueles que entravam na reunião virtual com dois aparelhos simultaneamente, possibilitando então que o professor pudesse ter dois ângulos de visão. A participação dos pais para ajudar com a “fiscalização” da postura ou para modificar o ângulo de filmagem quando necessário também era importante para a resolução deste problema.

De fato, a importância da colaboração de um adulto no momento das aulas síncronas foi comprovado como um aspecto essencial, assumindo uma importância muito maior do que em aulas presenciais. Enquanto que, em uma aula presencial, a maioria dos comentários do professor são voltados às crianças, com o responsável apenas observando, nas aulas a distância, “metade das instruções do professor são direcionadas ao aluno e a outra metade ao pai” (COMEAU, LU e SWIRP, 2019, p. 49). Apesar de, em nossa experiência, não chegarem necessariamente à metade, a quantidade de instruções voltadas ao responsável certamente é maior do que nas aulas presenciais, pois os professores precisam se certificar que eles poderão ajudar as crianças durante suas sessões individuais de estudo, sendo necessário garantir que eles, os quais muitas vezes não tiveram aulas de música no passado, entendam o que está sendo ensinado. As conversas com os pais também aconteciam fora dos horários de aula, por meio de mensagens trocadas pelo *WhatsApp*, inclusive com vídeos com demonstrações dos alunos e dos professores. Este contato contínuo, mesmo se com breves interações, propiciou uma melhoria constante no aprendizado, algo que não existe no ensino tradicional, no qual a interação professor-aluno ocorre apenas uma vez por semana, no momento da aula. Os alunos que assistiam às aulas sozinhos, apesar de reiterados pedidos dos professores, tiveram uma experiência e progresso inferiores em relação aos demais; percebemos sobretudo que os desvios de atenção eram muito mais frequentes neste contexto.

Em seu estudo, Comeau, Lu e Swirp (2019) também observaram que os alunos tendiam a interagir mais com o pai ao lado do que com o próprio professor a distância, algo que não aconteceu com frequência em nossa pesquisa, provavelmente por causa dos professores terem feito um esforço para que os alunos estabelecessem uma boa comunicação verbal desde o início das aulas, fazendo interações constantes com eles. Além disso, pode-se

argumentar que, com as crianças de certa forma já mais acostumadas com o ambiente on-line, pois têm aulas em suas escolas também por meio da internet, elas já estavam mais acostumadas a interagir desta forma, em relação às crianças pesquisadas no estudo mencionado acima, realizado em 2019, portanto antes da pandemia.

O uso da plataforma para atividades assíncronas foi de grande valor, sendo porém algo que, novamente, exigiu o envolvimento dos pais. A plataforma permite que os professores saibam quanto tempo cada aluno está utilizando os materiais a cada dia e esta ferramenta nos possibilita perceber a dedicação de cada um ao seu progresso musical, o que não existe nas ferramentas de ensino tradicional. Uma vantagem das videoaulas é que os alunos podem assisti-las tantas vezes quanto acharem necessário (SCHIAVIO, BIASUTTI e PHILIPPE, 2020). Desta forma, pudemos perceber que aqueles alunos que passavam mais tempo vendo os vídeos naturalmente tinham um progresso mais acelerado na aula seguinte, pois dependiam de menos explicações e demonstrações dos professores.

De certa forma, o modelo que usamos assemelha-se um pouco ao “ensino de cabeça para baixo” (*upside-down teaching*) utilizado em outras áreas da educação; neste modelo, o aluno se depara com um problema e tenta resolvê-lo primeiro de forma independente, antes do professor ministrar uma aula a respeito dele (SEELEY, 2017). No nosso caso, os alunos eram encorajados a ver primeiro a videoaula, com a qual tentariam aprender a peça, sendo que, apenas após isso, eles teriam uma aula síncrona com seu professor sobre a peça. Claro que a videoaula já ensinava a peça e os aspectos que deveriam ser aprendidos, mas, mesmo assim, o processo incentivava a independência do aluno, sendo que ele(a) procurava aprender a peça sem a observação presencial do professor. Pike (2020) também comenta a respeito deste aspecto, descrevendo como a tecnologia pode promover o “desenvolvimento de habilidades durante atividades auto-direcionadas no período entre as aulas, para alunos de todas as idades” (PIKE, 2020, p. 3).

Uma diferença óbvia do ambiente virtual é que professores de instrumentos musicais “precisam ser muito mais claros em suas explicações”, tendo que “repensar [como transmitir] informação visual e *feedbacks*, compensando a falta de contato (por exemplo, ao corrigir movimentos errados ou posições de mãos/dedos)” (SCHIAVIO, BIASUTTI e PHILIPPE, 2020, p. 171-172). Percebemos isso em nossas atividades; por mais que pudéssemos reproduzir um movimento para que o aluno o visse, por exemplo, é diferente visualizar este movimento em uma pequena tela de celular do que presencialmente. Além disso, não temos a vantagem de poder corrigir fisicamente, com o toque, algum movimento

inadequado. Por causa disso, fizemos descrições muito mais detalhadas dos movimentos e sempre pedíamos para que os alunos nos demonstrassem novamente e, se possível, que explicassem em suas próprias palavras o que foi ensinado. Quando alguma dúvida ou problema específico surgia, isso frequentemente motivava a criação de um novo vídeo para uso como ferramenta assíncrona, sendo enviado por *WhatsApp* ou acrescentado à plataforma on-line.

Alguns dos exercícios mais interessantes foram aqueles para estimular a audição das crianças, pedindo que elas reconhecessem as diferenças entre sons graves e agudos, intervalos musicais e até mesmo que tentassem repetir melodias simples “de ouvido”. Percebemos que isso pode ser feito com uma aula on-line talvez até com mais eficiência do que em uma aula presencial, na qual a criança teria que fechar os olhos ou virar para o outro lado. Com a aula virtual, o professor pode fazer algo no seu teclado sem que a criança veja, estimulando então que ela use apenas sua audição para responder. Tivemos uma experiência muito positiva fazendo com que crianças com pouca experiência prévia com música pudessem, por exemplo, “tirar de ouvido” a melodia da canção *Asa Branca*, uma atividade que gerou prazer e orgulho entre os alunos.

As festinhas – como foram carinhosamente chamados os três encontros coletivos que foram realizados, ao final de abril, maio e junho – foram momentos especiais, que geraram tanta motivação quanto recitais presenciais, com a diferença que aconteciam com uma frequência maior, pois, enquanto que é comum a realização de um recital ao final do semestre em cursos presenciais, nossos encontros em grupo aconteciam mensalmente. Desta forma, após o término de um encontro, os alunos já começavam a pensar no próximo e, juntamente com seus professores, escolhiam a(s) peça(s) que gostariam de apresentar. As festinhas também serviram para estimular e inspirar os alunos e tiveram temas específicos. Nossa primeira festinha, por exemplo, em celebração ao Dia Nacional do Choro, teve a apresentação de alguns chorinhos pelos professores. Apesar da maioria das peças apresentadas pelos alunos serem parte do repertório pré-determinado e disponibilizado na plataforma on-line, vários alunos também escolheram peças populares ou temas de filme que gostariam de aprender, sendo que este foi o tema principal de nossa segunda festinha. Os professores então providenciaram ou realizaram arranjos destas peças, de acordo com o nível de cada aluno; tivemos, por exemplo, canções como “*Married Life*” (do filme *Up*), “*Ovelha Negra*” (Rita Lee), “*Como é grande o meu amor por você*” (Roberto Carlos), “*A Thousand Years*” (Christina Perri) e “*Dance Monkey*” (Tones and I).

Apesar dessa interação para estimular a escolha do repertório pelos próprios alunos ser uma prática recomendável também para aulas presenciais, o fato de estarmos a distância criou um prazer adicional neste processo: os alunos mandavam links com as peças, os professores pesquisavam e/ou faziam arranjos das partituras, que eram enviadas digitalmente, e também faziam gravações para ajudar os alunos no processo de aprendizagem, até chegarmos às aulas síncronas com a peça em questão e, finalmente, à apresentação da peça pelo aluno – tudo feito por meio de uma interação intermediada basicamente por meio de celulares.

Ao final do curso, para a terceira festinha, fizemos uma atividade com Asa Branca que também foi muito motivadora: um vídeo coletivo, juntando a maioria dos alunos (13 deles quiseram participar), tocando de acordo com seus níveis de proficiência. Por exemplo, alguns tocaram apenas a melodia principal com a mão direita; outros tocaram a melodia principal e a melodia do interlúdio; já outros tocaram a melodia e os acordes em bloco na mão esquerda, enquanto que alguns puderam fazer ritmo de baião na mão esquerda. Isso ilustra um princípio educacional importante, tanto para a educação em geral como em especial para o contexto da educação a distância: respeitar as diferenças de ritmo de aprendizagem de cada aluno, algo que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, visa “a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias” (BRASIL, 1998).

Para a gravação deste vídeo coletivo, preparamos uma gravação base, que os alunos precisaram ouvir com um fone de ouvido enquanto tocavam a sua parte. Isso exigiu um alto grau de concentração e perfeccionismo deles, para poderem estar absolutamente coordenados com a gravação. Ao final, conseguimos juntar todos os vídeos com um programa de computador, além de dois vídeos com uma professora e um convidado tocando sanfona. Mostramos este vídeo como conclusão do curso e também o compartilhamos em redes sociais, tendo recebido muitos comentários positivos sobre esta atividade, que trouxe uma sensação de conclusão e realização aos alunos e a suas famílias.

## **5. Considerações finais**

Recebemos um *feedback* muito positivo ao final do curso, tanto dos alunos como dos pais, com diversos pedidos para que continuemos a oferecer este curso no semestre seguinte. A educação a distância costumava ser algo voltado para atingir comunidades mais

distantes e, para muitos alunos, foi uma resposta necessária porém imperfeita para o contexto pandêmico, permitindo que o aprendizado musical pudesse continuar durante um período de emergência global. Com o fim da pandemia, a maioria dos alunos certamente vai voltar a realizar aulas de piano presenciais, mas possivelmente alguns vão preferir desejar fazendo aulas on-line, seja pela facilidade de não terem que locomover-se a um local específico, ou mesmo por acharem que conseguem se concentrar melhor e desperdiçar menos tempo dessa maneira.

De qualquer forma, esta experiência pela qual passamos nos ensinou muitas estratégias que podem continuar a ser usadas mesmo após as aulas presenciais voltarem, estimulando portanto um ambiente híbrido de aprendizagem. O uso de videoaulas, por exemplo, é uma ferramenta que certamente permanecerá em nossas vidas como educadores e aprendizes, permitindo que aprendamos e revisemos conceitos no nosso próprio tempo, de forma intensiva ou assistindo aos vídeos múltiplas vezes. Os materiais assíncronos que preparamos para a plataforma on-line também permanecerão sendo úteis e utilizáveis para alunos futuros que ingressarem no curso, sendo que a plataforma em si pode continuar a ser melhorada, com a inclusão de mais materiais, partituras, vídeos, apostilas e exercícios.

Como Daugvilaite (2021) observa, um dos maiores desafios enfrentados no ensino de um instrumento a distância é a quantidade inferior de comunicação não-verbal, gestos e de elementos táteis, o que pode limitar tanto o aprendizado como a motivação dos alunos. Porém, acreditamos que, se o professor estiver bem preparado e puder incentivar os alunos a buscarem juntos as melhores oportunidades oferecidas pelo ensino a distância, estes obstáculos podem ser vencidos. Utilizando uma bela citação sobre a educação em geral, mas que pode ser aplicada muito bem ao contexto da educação on-line, “o aluno, se movido pela aventura da descoberta, terá uma experiência única e especial, relacionando sentimentos, imaginação e invenção” (MATEIRO, 2012, p. 251).

### Referências

- BRASIL. LEI n. 12.287, de 21 de jun. de 2018. LEI Nº 12.287, DE 13 DE JULHO DE 2010. O ensino da arte. Diário Oficial da União, p. 1, jul. 2010. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2010/lei-12287-13-julho-2010-607263-publicacaooriginal-128076-pl.html>>. Acesso em: 03 dez. 2020.
- COMEAU, Gilles; LU, Yuanyuan; SWIRP, Mikael. On-site and distance piano teaching: An analysis of verbal and physical behaviours in a teacher, student and parent. *Journal of Music, Technology & Education*, v. 12, n. 1, p. 49-77, 2019.

- DAUGVILAITE, Dainora. Exploring perceptions and experiences of students, parents and teachers on their online instrumental lessons. *Music Education Research*, v. 23, n. 2, p. 179-193, 2021.
- DAWN, Joseph; LENNOX, Lucy. Twists, turns and thrills during COVID-19: music teaching and practice in Australia. *Music Education Research*, v. 23, n. 2, p. 241-255, 2021.
- JOHNSON, Carol. A conceptual model for teaching music online. *International Journal on Innovations in Online Education*, v. 4, n. 2, 2020.
- MATEIRO, Teresa. *Pedagogias em Educação Musical: A música criativa nas escolas*. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012.
- PACHECO, José. *Escola da Ponte: Formação e transformação da educação*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PIKE, Pamela D.; SHOEMAKER, Kristin. The effect of distance learning on acquisition of piano sight-reading skills. *Journal of Music, Technology & Education*, v. 6, n. 2, p. 147–162, 2013.
- PIKE Pamela D. Improving music teaching and learning through online service: A case study of a synchronous online teaching internship. *International Journal of Music Education*, v. 35, n. 1, p. 107-117, 2017.
- PIKE, Pamela D. Preparing an emerging professional to teach piano online: A case study. *International Journal on innovations in online education*, 2020. Disponível em: <http://onlineinnovationsjournal.com/streams/visual-and-performing-arts.html>. Acesso em: 18/05/2021.
- SCHIAVIO, Andrea; BIASUTTI, Michele. PHILIPPE, Roberta Antonini. Assessing teachers' perspectives on giving music lessons remotely during the COVID-19 lockdown period. *Music Education Research*, v. 23, n. 2, p. 167-178, 2021.
- SEELEY, Cathy. Turning Teaching Upside Down. *Educational Leadership*, vol. 75, n. 2, October 2017. p. 32-36
- TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

---

<sup>i</sup> MOODLE, cujo nome representa “Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment”, ou seja, “Ambiente de Aprendizado Modular Orientado ao Objeto” é um software livre usado para criar um ambiente virtual de aprendizagem.